

# O CONCILIADOR PIAUHYENSE.

Publica-se 1 vez por semana na Typ. INDEPENDENTE. Subscrive-se a 10rs. por anno 6rs. por semestre 3rs.500 por trimestre —pagos adiantados—Numero avulso 340 reis os Srs. assignantes terão 30 linhas gratis, e as mais que exceder a 80 reis.

Quando os homens se unem para uma causa justa, e para fazer o bem, qual quer que seja o resultado de sua aliança baseada sobre a justiça, sobre o direito, e sobre a honra, ella sobre-vive a desgracia, e tem do proprio desastre—novo esplendore nova solidéz— (LORD PALMERSTON.)

## MOFINA

**O Sr. Dr. Antonio Francisco de Sales**—He o *Deputado Saquarema* do 1.º circulo da Provincia! —Potencia parlamentar, e popular do—Norte do Piauhay—Juiz de Direito da Commarca de Vianna no Maranhão!

Esta pobre Provincia está a braços com as suas finanças.

Precisa de todos os melhoramentos materiaes, e moraes. O Sr. Salles empenhando-se a todo trance para ser considerado o eleito do povo deve necessariamente saber o pezado encargo que toma, deve ter remorsos da exclusão do verdadeiro Deputado.

Nesta Typographia paga-se 1:000 por linha de cada discurso, que o Sr. Salles fizer na Camara dos Deputados a favor do Piauhay, ou ainda mesmo a favor somente dos interesses de sua facção; uma vez que venhão no jornal do Commercio, e juntamente com certificado do secretario da Camara dos Deputados da identidade de pessoa.

O povo não quer somente saber se subirão muitas dussias de foguetes a o ar pela decisão da Camara a favor do seu eleito. Tem de examinar se elle é agrado a honras que recebeo, e se oih para seus interesses. Nos somos pobres, queremos que o Sr. Salles justifique sua conducta para q' possa ser no futuro aquilato como cumpre pelos seus constituintes—Os Piauhyenses

- 1.º He de absoluta necessidade o concurso de todos os homens honestos para restituir ao processo eleitoral a sua primitiva, e natural pureza.
- 2.º Que se deve compellir a cada um dos poderes politicos a conter-se na orbita de suas attribuições.
- 3.º Que a moral, e a justiça tenham uma existencia real, que sejam as principaes bases das relações sociaes.
- 4.º Que a lei do recrutamento seja alterada no sentido de a tornar mais equitativa e menos arbitraria, e veiaatoria, e que se dê todo o impulso a navegação a vapor no Rio Parnahiba.
- 5.º Que a industria, sobre tudo a agriculda tenha amplos favores, e a mais, pronunciada proteção do governo. São os principaes pontos que lhe recommendamos do programma do sr. I. C. B.

## O CONCILIADOR PIAUHYENSE.

Breve resposta ao Correio Piauhyense n. 48.

O que é o Correio Piauhyense? Folha official?! Orgão do partido Saquarema?! No primeiro caso, e como as doutrinas que prega, compromettam insensivelmente a administração do Sr. Dr. Junqueira, porque sua Ex-

ta Delegado do Gabinete de 4 de Maio, por que o presidente do conselho disse no Senado em sessão—de 16 de Maio:—Os conservadores que estão no gabinete repelem, por ventura os melhoramentos que o paiz reclama? Não de certo. Os Ministros que representão a opinião liberal por ventura querem saltar por cima da Constituição e procurar instituições novas? Não de certo. As idéas pois chegado se umas para as outras, aproximão se, e a ley será o ponto do contacto.

Para o paiz é chegada a epcha da concórdia. Já não há luta, isto está acabado. E aquelle que quizer levantar por pouco que seja o véo do passado, para o reprodair no futuro, esse será muito infeliz.

Diz porem o Correio Piauhyense, no citado n.º: No Correio chegado hoje (14 de Julho) tivemos noticia official que o Exm. Sr. Dr. Antonio Francisco de Sales foi reconhecido DEPUTADO pelo 1.º circulo eleitoral desta Provincia—Honra aos Piauhyenses que fizeram triumphar as idéas saquaremas, que ora são representadas na Camara geral pelo Exm. sr. Dr. Salles.

As idéas saquaremas são effectivamente retractoras. O Ministerio não segue esta politica.

Logo o sr. Dr. Salles, é sem partido, está em opposição ao gabinete. Como pois na folha official se faz uma afronta desta natureza ao governo Imperial?! Será isto inepticia? Será que o Correio Piauhyense já não é folha official, está em opposição ao gabinete, e consequentemente ao seu Delegado nesta Provincia?

Emprasamos, ou antes provocamos, ao Correio Piauhyense para nos dar quanto antes a esposta a isto.

No seu segundo caso, é o correio orgão do partido saquarema? Quer consequentemente continuar a luta, e levantar o véo do passado? Então é infeliz, porque assim o ratificamos nós, que o apoiamos lealmente.

Depois desta contradicção estúpida e vergonhosa, o que dirá ainda o Correio Piauhyense? A calma, a reflexão, o espirito de justiça se notão nas deliberações do Sr. Dr. Junqueira. Com taes fundamentos é sustentavel a administração do Sr. Dr. Junqueira, e nós dedicamos nossos serviços a sua administração. Mas se é isto que quer o partido conciliador, se é isto que pratica S. Exc. como seu Delegado, se em consequencia disto é que o Correio lhe presta, assim como nós, o seu apoio: logo o Correio é conciliador.

Para que pois festejar o triumpho do Deputado, orgão do partido saquarema na Corte?

Pobre redacção do Correio, bem mostras que estás nas mãos dos homens que perdem a cabeça para ganharem posição!! E é esta gente que a sanhada pela maneira franca, energica, e leal com que discutimos a situação, nos vem dizer: não seremos como aquelles que com a capa da conciliação a tirão-se no charo, immundo de descomposturas suas proprias de idéas, e com linguagem de

homens condemnados que se renegando de tudo, e de si mesmo, e blasfemando contra o proprio Deus mentem, calannião libadas reputações.

Qual será o Deus de q' falla o correspondente? Quaes serão essas illibadas reputações? Nos o diremos em outro numero.

O Relatorio do Sr. Dr. Junqueira na abertura da Assembleia Provincial—do Piauhay—continuação do n.º 10.

S. Ex.ª, o Sr. Presidente da Provincia, disse ainda no seu relatorio duas verdades, que muito se conformão com os nossos pensamentos.

1.º Que maior gloria caberia aos Presidentes q' concluisssem as obras já commessadas, do que a aquelles q' as innovassem, deixando de acabar aquellas que já tinham sido principiadas.

E que destas mesmas obras já commessadas, se devia dar andamento, d.ªs principiadas, com preferencia a da Matriz desta capital e freguezia.

E S. Ex.ª disse uma verdade: e S. Ex.ª por esta verdade tem o nosso fraco apoio para pedir o auxilio dos nossos concidadãos. Ainda aqui sua Ex.ª se não apartou das principios economicos em beneficio da Provincia—Inda aqui S. Ex.ª se não apartou do progresso moral de que necessitamos.

Veremos se temos forcas para prova-lo. O Consummo do governo ate a ponto que elle he realmente necessario, he da maior importancia: Mas aquillo que o governo gasta, sem prozeito publico, he em taxa gastos do governo ser por consequencia que os na classe do povo se approprío.

O governo não deve admitir mais do que aquillo que pagar o imposto para que é a obrigação de pagar.

Logo, o governo não deve emprender obras que vão além d'essas mesmas bases.

He innegavel que se não se dá para a nossa Matriz, e para a cidade do publico, forão feitas para obras alem das nossas forcas.

E innegavel que sem estarem estas obras acabadas, dar-se principio a outras grandes obras, como do Quartel Militar, e ainda mesmo a do Internato, foi collocar a Provincia em despêzas superiores as suas rendas, quer graças, quer Provincias; foi concorrer por alguma forma para que paralisassem as primeiras obras.

Acresce, que as segundas não nos parecem de tanta necessidade.

1.º Porque o aperfeioamento, e acabamento do templo de Deus espnoê veneração a religião do Estado, e a religião, é a base da moral, e a moral, e a religião, são os dois elementos que contem a solidade na orbita de seus deveres, porque, a religião é a philosophia dos povos, a verdadeira puzi se para os sabios é tambem a religião; porque não ha uma necessidade do Coração, e consequentemente o povo que é dirigido por estas bases será por sem duvida aquelle

*Handwritten note:* Não se deve esquecer de mencionar a importância da moral e da religião como bases da sociedade.

... dá a fortuna pública, e apoiará o verdadeiro progresso, e sendo isto o que vai d'acôrdo com as tendências do governo Imperial, o Sr. Dr. Junqueira não podia, adoptando tais pensamentos, dar melhor prova da sua lealdade e da sua instrução.

Se por outro lado, o Sr. Dr. Junqueira reconhece a fraqueza de nossas finanças e sabe que o que gasta o governo é improdutivo, e economicamente fallando, muito mais a respeito das obras que, se não acabando em tempo, tornão-se completas ruínas, *mui a certamente disse elle—acabemos o que está principiado em lugar de outros; acabemos mesmo o que se havia principiado, ainda com um plano mais circunscripto, e que se conforme com as forças da Provincia, e nisto consistirá a minha maior gloria.*

Ex. pois mostrou-se neste ponto, tal qual anhelámos um Presidente de Provincia, isto é: faremos o que é indispensavel, e com forte nossas forças, e preferiremos o templo de Deos, porque a nossa jovem Capital, que no mais tudo tem dado passos gigantescos, sofre a grande falta de não ter uma Matriz! Esta será a obra de meu maior empenho, disse S. Ex. aqui pelo lado economico esta demonstrado, que uma obra que tem consumido a Provincia quarenta e tantos contos, e que pode ser acabada com deis, ou doze contos; que no caso de parar-se com ella, a perda d'aquelle grande Capital será infalivel, sendo preferida a outra qualquer, ao menos para que fique em estado menos prejudicial do que o presente, é uma conveniencia tão palpante, q' S. Ex. facilmente a comprehendev, e póla immediatamente em execução: sendo tanto maior o serviço q' faz a Provincia quando, assegurando-nos o Capital já gasto com este seu procedimento, nos dará concluido o templo de Deos para que a religião seja respeitada, e progreda como cumpre a um povo civilizado, e consequentemente a moral que lhe é inseparavel, dirija as nossas acções. A economia politica, diz um escriptor contemporaneo; insina as leys naturaes, que determinão a prosperidade, e civilisação dos povos: esta civilisação será tanto maior quanto fervorosamente for incaminhada pelos principios do christianismo, que segundo disse Lacordaire, foi que arrancou do aviltamento a soberania humana, dirigida pelo sistema do paganism.

Se S. Ex. em seu relatório: eu que me occupo de reira administrativa e economica, e com a precisa economia publicos, disse duas verdades, manifestou na presença do Sr. Ex. que deve representar a tendencia de sua administração, e como todos os mais, não nosso entender mui sensuários, faremos-lhe por estes que acabamos de dar a nossa opinião, de maior apresso, a base para bem considerarmos a administração de Sr. Dr. Junqueira, e prestar-lhe nas columnas do nosso jornal o apoio aq' já nos haviamos comprometido Concluiremos o nosso artigo elogiando ainda a S. Ex., pela manifestação que fez a mesma assemblea de que mandaria acabar, ainda que em ponto menos despendioso, a nossa casa de mercado publico, visto que é também uma necessidade palpante, para maior commodidade dos povos, que veem a esta Cidade trasernos o preciso para o Consumo diario, que se não sem duvida tanto mais abundante, quando os que o trazem ao mercado acharem os commodos de que precisam.

Continua.

## PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Considerações sobre os partidos.

### ARTIGO I.

1.ª—A actividade universal é sujeita a regras. 2.ª A razão individual não tem forças para fixar a actividade humana, ou liberdade: necessidade da razão social, ou autoridade: liberdade e autoridade são dous elementos essenciaes á sociedade. 3.ª São meios e não fins. 4.ª A substituição da razão individual pela razão social não annulla a primeira—é objectiva, ou subjectiva. Objectivamente a autoridade é mais ou menos comprehensiva: subjectivamente—é mais ou menos forte e concentrada. 5.ª qual deve ser a comprehensibilidade da autoridade—a extensão da liberdade? Qual deve ser a concentração, ou distribuição da autoridade? Eis as questões cardiaes, os dous partidos um da liberdade, outro da autoridade. 6.ª Missão distincta de cada um, ambos bons e necessarios: a exageração os destina, divide a sociedade em dous campos inimigos. 7.ª Só o vencedor póde mudar a situação: o meio é a pratica de conciliação: nada deve obstá-la. 8.ª Sem ella perpetuão-se as reacções, gastão-se as forças sociais, a liberdade será licença e anarchia, a autoridade, oppressão e tyrania. Os partidos interessão em adoptar esta politica: ella se acha inaugurada entre nós.

1—Todo no mundo se move, tudo é actividade. Se porém esta actividade universal fosse desordenada, não sujeita a regras, ella se destruiria, traria a dissolução.

A sabia providencia pois imprimiu-lhe uma direcção, que tornasse accordo seus movimentos, compatíveis entre si, e tendentes ao mesmo fim.

Eis as regras dirigindo, limitando a actividade.

2—A actividade do homem se exerce na ordem physica e moral sobre infinitos e variados seres; e, como parte da actividade universal, está também sujeita a regras. Ella pois não é illimitada, completamente livre.

A razão individual é o pharol primitivo e natural que nós faz conhecer estas regras, ou os limites da liberdade.

Mas, fraqueza, e influencia de muitas vezes pelas paixões proprias, ou coactada pelas alheias, não podia ser aceita como criterio social, nem tinha força e meios de dominar. Assim, foi mister substitui-la pela razão social, pela autoridade.

Eis pois a autoridade fixando regras á actividade humana, ou os limites da liberdade.

Liberdade e autoridade são portanto dous elementos essenciaes á sociedade, e sem os quaes não póde existir.

Sem liberdade não se concebe o homem: o governo o mais tyrânico não póde despojar-lo completamente della.

Sem autoridade não se comprehende a sociedade: a mais democratica não póde dispensar-la de todo.

3.—Assim como a actividade universal não é o fim da criação, a actividade humana, a liberdade, não é o fim social.

O homem não se move, não se agita, somente pela necessidade de mover-se, de agitar-se; mas foi collocado sob o imperio desta necessidade para, pela indeclinavel satisfação della, chegar a um fim mais importante, o seu aproveitamento, e bem estar.

Ajuda menos a autoridade se póde considerar um fim. Os homens não a creóu para o engrandecimento de alguns delles, e pelo simples prazer de tutores; mas somente como meio de regular o exercicio de

sua actividade de um modo mais conducente ao fim.

Liberdade, e autoridade pois são meios e não fins sociais.

Não entretanto a liberdade é um meio innato, presistente, e inherente á natureza humana; e a autoridade um meio secundario, e de instituição.

C. B.  
Correio Mercantil, 25 de Maio de 1857.  
Continua.

A administração generosa, o Medico, e Commandante do meio Batalhão do Piahy.

Enfatem-se embora os homens da generosa, mande o Sr. Catanho os seus janizeros ataxalhar a reputação do Sr. Magalhães, que nós não recuaremos ante os corptos de s. s., e iremos avante em defesa da verdade.

Mandou o sr. Catanho proceder a um exame no Hospital regimental, sabendo que a elle não podia assistir o sr. Dr. Magalhães, a quem tinha, muito amigavelmente, dado licença para sahir; aceitou como incoabitavel os resultados desse exame, e sem ouvir o accusado, fez disso cargo para o Governo.

Não foi isto tração, sr. Catanho, propria do seu caracter? Não foi isto deixar-se s. s. levar pela arreata dos inimigos do sr. Dr. Magalhães, tais como o sr. Carvalho, e a aquellos que tem monopolisar a medecina na Therozina? Foi, sim, e foi uma das baixezas do seu mimoravel governo!

Porque não teve s. s. em consideração que as irregularidades notadas no Hospital forão vistas, e descriptas com percepção, e feitas avulgar por um homem levião do circulo dos seus rapachos? Por que assim convivia aos odios dos seus adutores, e as vistas de s. s., que só tinha, e tem ainda, em mente desacerdar a aquellos, que não fazião causa commum com s. s., que não aplaudião os seus desatinos.

Como haveria regularidade no Hospital, se o crapuloso Commandante Carvalho era o primeiro a não fazer cumprir muitos artigos do regulamento, por que o seu empenho era desmoralisar o Encarregado para susleitar a vil, baixa, e ignobel perseguição, que, de accordo com o, out'ora, Major Fiscal, projectou desenvolver, por feitos bem mesquinhos!

Queria por ventura o sr. Catanho encontrar no Piahy um Hospital bem montado, quando os poucos objectos de seu pertence andão emprestados ao sr. Commandante Carvalho?

Que accio haveria nesse Hospital quando a cal pedida para o calamento nunca foi achada se não para as obras do quartel; e se não fora mandar o Administrador do Hospital de Caridade cair os quartos do Hospital militar, parte d'aquelle, por compaixão dos miseros soldados ali mettidos, já mais serio taes quartos caidos, a despeito das reclamações do Encarregado, que de proposito erão desattendidas pelo Commandante do corpo, com o fim de fazer recair naquelle a cauza da immundice, e nojent estado das paredes, em que se achavão enserados os pobres soldados, contra todos os preceitos da hygiene?

Aonde vio o sr. Catanho o art. do Regulamento, ou alguma lei, que obrigue o Medico a fazer guardar, para dar conta, os vidros vasos de xaropes, e outros medicamentos, para se fazer disso, como se fez, alto reparo, e accusação ao sr. Magalhães, sendo que de objectos semelhantes não se faz

carga ao Meirico, e este não pode ser responsável por aquilo que não está sob sua guarda? Não foi, pois, esta accusação uma velada dos seus perseguidores?! Ou queria o sr. Catanho que o Hospital regimental do Piahy se servisse de modelo aos Hospitales do Brazil?!

Ora, sr. Catanho, isso é ridiculo, é miseravel!!!

Assim, tenha s. s. por certo—que a sua generosa administração prova o seu empenho de encher e acatar nos seus e nos perversos, e procurar debalde calumniar e a chincalhar os homens honestos, que nunca poderão compartilhar os sentimentos de s. s., os deboches do sr. Carvalho, seu vil dulcor, e comminglar com abateza dos seus adoradores! Assim mostra s. s. a verda de accusações, que lhe fazem por toda a parte, patentando vergonhosamente uma alma pequena, engolfada na intriga, e só propria para dar consideração a um miseravel relapso da ordem do sr. Carvalho. Convencido o sr. Catanho, q' querer apadrinhar a depravação de um Carvalho, e quejandis, a quem s. s. se curvou e a quem só prestou os seus favores; as suas attentões, é uma indignidade, um rebaixamento, uma abominação; é ganhar o justo desprezo, que se lhe vola!

Por ora ficamos aqui; mas que se recalcitrar contra o sr. Dr. Magalhães, tentemos de voltar.

CORRESPONDENCIA DO CONCILIADOR PIAHYENSE.

Oeiras, 9 de Julho de 1857.

— A saúde publica, como a tranquillidade, não ha soffrido a menor alteração n'esta comarca, até o presente. Contra a vida e a propriedade, também—graças a Deos—não ha occorrido, e somente um ou outro attentado, menos grave, algum perverso e estúpido ha derradeiramente perpetrado contra a pessoa, — e de que lhe fallarei antes de encerrar esta carta.

A noticia, de que o Exm.º Sr. Dr. Junqueira assumira, no dia 10 do passado, o governo da provincia, satisfez, por aqui atodi q' já não podiam testemunhar, sem dor e indignação, os variados e torpes manços do amaladoado Catanho; — e toda esta porção de bribos piahyenses muito espera de bem e de sensato e justo da illustração e bons sentimentos de S. Ex.º

Gracias á Deos!... já está a pedda da cadeira municipal, que tanto conspurcou, o sr. Catanho, que, nos poucos; mas eternos, dias de sua sinistra administração—interina, — tantas amarguras, tantos accintes e violências nos fez tragar!!! —Hoje, somente o desprezo e a rapta são a recompensa que, com razão, a provincia inteira rende á esse ferrenho e endiabrado Parha, que tanto estribou, e tantos couces deu!... —Todavia, ainda lastimamos que homem tal continue a exercer entre nós o cargo de chefe de policia, em que, certamente; não hesitará fazer-nos todo o mal que lhe suggerir seu mau coração, sua desvirada cabeça!

— No sabbado, 4 do corrente, houve uma recita no nosso acanhado Theatrinho — a *Clytemnestra, rainha de Mycenae*. Tragedia, à meu ver, de não pequeno interesse. Terminou-se com — o estudante e o gazeteiro que foi a sobre-mesa, como ouvi a alguém...

— Os generos alimentares são, proximoamente, encarecido n'esta cidade. Não acrio com a causa d'isto, por quanto houve bom inverno, que produziu muitos mantimentos; carnes gordas, &c.

— Talvez que Vm. já saiba do que váe succedendo por Valença, ácerca, não só das patifarias que alli abundam por causa de um homem funesto, que, por força, quer fazer da arruinada e carunchosa villinha, seu *domínio feudal* (!) e que mesmo as pratica e agula os seus salafários á praticarem—nos, — senão também de uma chusma de processos—criminaes, já communs; e já de responsabilidade, que de lá até aqui, fórni-gam, atrastando uma phalange de *testemunhas informantes*, &c. &c.

Mes, embora o saiba Vm., sempre dar-lhe-hei uma succinta nota do que, de *joceão*, caricato, ridiculo e estúpido, se encontra por aquella villa, bjos habitantes, em vez de vudarem de empuhar que as cazas os machúque, por isso que quasi todos estão a desabitr,—se occupão de certas *manias*.... que.... é melhor remitter ao silencio.... —Salvo sempre as poucas e dignas excepções, que ha, e airoas *carapuceiros* para aquellos *cabecinhos*.... que.... lá estão!!!....

Estando, porem, já mui longa esta para o seu estreito jornal, reservo-me para a seguinte.

Um demonio brutal, que não humano só a figura e o gesto tem, violenhou uma pobre mulher, para finta illudinoso; e não o conseguindo, espancou-a atrocmente, deixando-a com um braço quebrado, e com outras muitas contusões pelo corpo. A autoridade policial procede criminalmente contra este thugg selvagem.—Isto succedeu á poucas semanas; mas não estou informado do lugar on le.

Sou informado que em um dos *faubourgs* d'esta cidade, existe uma cabilda de scleratos que, de quando em v-z, estão á perpetrar actos criminosos de furtos, forimentos, e até de assassinatos, moramente quando se ajuncam nas taes *sucias*, ou *batuques*, em que se embriagam para praticar quanto ha criminoso e infame!.... —D' entre esses malandros, saui um que, não muitos annos, as assassinou um infeliz velho, á facadas, por ter este achado-o com uma ovelha, ou uma cabra, que lhe acabava de furtar, matando-a com um tiro, e a qual conseguiu fugir á punição de tal crime, segundo me informo

(\*) Foi este homem hypochita, contra o qual o Municipio de Valença quasi em pézo declama por seu egoismo, e traficancias, que por seus empenhos pttete que o sr. Dr. Souza Mendes, de accordo com o sr. Catanho, atacasse a nomeação de Delegado para seltirnao o Major Manoel de Azevedo, accusado dos crimes de prevaricação quando Juiz de Paz, de peculato quando Juiz Municipal supplente, portrat dithe... fãos, que ao depois perdeu... ajustamente que o pagasse o honrado Thesoureiro Joaquim Mathias Bernardes, e de roubo com força armada, em casa de Andre Borges de Souza, e do assassinato em uma escravidã do mesmo, para atemorizar as partes que contra elle pretendem traciær em juizo de seu direito!!

Foi este avarento que, em paga de haver Manoel Ferreira Puty commetido, como Juiz Municipal supplente, as mais violentas, e arbitrarías providencias contra Manoel da Rocha Falcão, com o fim de roubar-lhe mais de 2.000\$ apretado de dividas, e a despeito de estar o dito Puty sendo accusado em juizo do crime de estelionato, furto e prevaricação, obteve-lhe o lugar de Subdelegado de Valença, e muitos outros, para individuos não menos criminosos, e do que trataremos em outro numero.

O Redactor.

por *proteção* de quem devêra esforçar-se por captural-o! E ha sahido outros que taes e quejandos, que mau fado nosso, ainda pullulam algures!!

Filizmente, as autoridades, d' esta localidade, se teem, até hoje, portado com energia, zello e assiduidade no desempenho dos deveres que a lei lhes commette, mormente o distincto e probo Dr. José Luis da Silva Moura, mui honrado Juiz municipal dos termos de esta cidade e de Valença, e acclimamente no exercicio da vara de Direito da comarca, — o qua inspira á todos a maior confiança por seu caracter justiceiro, integro e circumspecto e por sua lodtavel e decidida aversão ao crime.

Aqui faço ponto.—A Deos! saude e venturas lhe deseje o seu concidado e amigo devoto.—

Le fã do people.

Para o Exm.º Sr. Presidente da Provincia ver.

Sr. Redactor. Em dias do mez pp foi preso nesta villa, Antonio Jezuiño Chaves, por antotomada—Gavião, por causa do furto de um cavallo, que, procedendo-se nas pesquisas endagações, foi achado em poder de Joaquim Vieira de Queros Junior, declarado o dito Gavião ter sido morador com o citado Queros, e seu cozinheiro, em cuja occasião malavão e comião todas as galinhas alheias q' entravão em sua caza; q' indo ambos acida de de Casias, em caza de um negociante (salvo o erro) de nome Domingos, onde Queros se achava comprando fazendas, e elle conduzindo-as, furtou a quelle uns pentes de tarlaruga do negociante, occultando-os logo no seio delle Gavião, que sem demora os conduzio para o rancho; e finalmente, alem d'outras *ganlezas*, de claro mais que nesta villa deo-lhe o dito Queros um cavallo para nelle ir ao campo pegar os alheios que encontrasse de ferros desconhecidos.

E é este Queros que, segundo consta, foi a pouco tempo pelo Exm.º Sr. Vice Presidente da Provincia, nomeado official da G. Nacional, a empenhos do Sr. Dr. João de Carvalho Fernandes Vieira?!

Um LADRÃO feito official da G. Nacional!!!

Não duvido que o Sr. Dr. Catanho o nomeasse enganado, porem que da mesma forma se empenhasse por elle o Sr. Dr. Carvalho, não creio; porque o tempo que esse *digno* Magistrado, por mui infidelidade dos habi, tantes deste Termo, teve nelle jurisdicção, foi assaz sufficiente para bem conhecer esses *laganhados*—Queiros; que por fatalidade aqui vierão fixar sua residencia: por quanto não so neste; como nos Termos limitrophes, tem a voz publica, em illo e bom som apregoado seus nefandos crimes, citando com clareza e precisão, os roubos, estelionatos, por elles pertrãdos; de cuja pandilha é capitaz—Joaquim Vieira de Queros.

Durante o tempo de triste recordação, pte o sr. Dr. Carvalho Juris-diccionário

(\*) A respeito do sr. Dr. João de Carvalho lêse no *Meirico* da Corte—n. 159 — em uma correspondencia o seguinte: A noticia que se tem de estar o Juiz de Direito João de Carvalho, pronunciado pela relação e baraqueo de ser elle nomeado Chefe de Policia interino, como pretendêra o sr. Catanho; infelizmente por ti não ha ainda pronuncia; apenas arelação mandou inquerir testemunhas; mas como este servirá feito pelo Dr. Raimundo, já se p o resultado.

Tudo com resistências e algumas excepções, so teve por inimigos amigos a individuos do qualle do de que venho a tratar; como por exemplo o Major Antonio Jose da Silva, sobre quem se cal o labedo de assasino, occultador de escravos alheios, protector de ladroses e criminosos &c; cujos factos são pela voz publica narrados com sinceridade e clareza. Dizem ter sido elle quem mandou assassinar o infeliz Victor, de Tal, pruceo vien da Conceição do Cap. Herculeano, termo de Caxias, pelos seus aggregados—Antonio Gomes, e João José, moradores, o primeiro dentro de seu sitio S. Rita, e o ultimo o pouco distante no lugar S. Anna, os quaes foram passados no rio Parnaíba, quando foram cumprido o infernal mandado, pelo preto ferro—Pedra Joaquim, tambem morador em S. Rita. Dizem mais que per alguns annos conservou em suas terras, de baixo de sua protecção o celeberrimo criminoso de tres matizes—Joaquim Ignacio, que se achava preso no lugar Centro, onde habitava, fugido da cadeia da Theresina, e buscou a sua fidejuciação de um filho de fcinora, o mandou finalmente para a Provincia do Maranhão recomendado a alguém. Em fim muitos outros factos criminosos e infames, indignos por seu evadido de um 1.º Supplemento do D. legado de Policia, attribuem ao sr. Silva. E se suppor tambem, que o sr. Dr. Catanho o nomeasse ranguado, publico do contrario não entraria a justiça publica nos mios de um ladrão e assassino, segundo dizem, e eu creio.

Aproveito o ensejo para declarar que o Gaviao, de que a cima tratei, sempre, desde que aqui habita, foi protegido pelos mencionados—Silva, e Queiroz, e não por mim como dissera alguém da villa das Baras, segundo me informo um amigo u'ali. Peza-me não saber quem esse alguém, para melhor e mais categoricamente o de-seccar.

Publique, sr. Redactor do Conciliador, estas linhas, pelas quaes se responsabiliza. S.º Attencioso Criado. Luizo 4 de Julho de 1857.

Fernando Alas Lobão e Veras.

Sr. Redactor.

Bastante admirado de se haver o sr. Raimundo Nonato de Souza cavilosamente prestado a assignar o vil e calumnioso annuncio, ou denuncia, inserto no n.º 48 do correio Piauhyense de 13 deste mez, contra o honrado e prestimoso negociante, o sr. Major Jose de Araujo Costa, não posso deixar de manifestar a minha surpresa.

Até aquella data o nome do sr. Major Araujo Costa nunca foi manchado em jornal algum: o despeito, porém, a sem razão, a vingança mal entendida, a perversidade

Es'na a lei abafada na ordem que veio da Relação para se inquirir as testemunhas de João de Carvalho? Ou essa demora prevalece nas mãos do juiz Municipal? Estará demorada na agencia! De nada duvido! O que é certo é, que o Sr. João de Carvalho tem a assistência dos Embargadores da Relação mettendo-os me... Medico, ate ga hanno-se que ja deu p... Co... uma queixa com mil desafios.

Se he certo, bem diz o sr. João de Carvalho, que o seu protegido he tal que nem um caso fás, Governo Imperial, e Supremo Tribunal de Justiça.

O sr. Dr. João de Carvalho deve atearse, de que é um homem feliz! O Redactor.

mesmo do sr. Nonato, a tanto se atreveo!!! Não vio o sr. Nonato, que o sr. Araujo Costa, tendo sempre influido no velho Puty nas quadras de maior exaltamento, ja mais os seus adversarios, e ainda inimigos pessoais, se animarão a calumniar-lo de assassino? Não considerou—que se por ventura fosse o sr. Araujo Costa, culpado na morte do escravo, de que trata, não teria deixado de ser encommodado no longo curso da exclusiva influencia dos seus antagonistas? E como deixou-se cegar a ponto de tornar-se agora instrumento de homens apaixonados, maleficos, e traçoeiros, que querem tirar a sardinha com a mão do gato, embora sacrificem o sr. Nonato?

Ora, sr. Nonato, que outro se deixasse assim conduzir não admiraria tanto como S. Mc. Pois ja que foi tao facil em servir de testa de ferro da perversidade, fazendo de declarações contra um cidadão prestante, e sempre bem concituado; declarações mentirosas e infames, ja que cahio nessa silada sem fazer um exame de consciencia, soffra que lhe lembre, que S. Mc., que com tanto afan invoca as autoridades contra supposito crime, e que anda peido testemunhas contra a sua innocente victima, não está no caso de lançar a primeira pedra ao sr. Major Araujo Costa, quando mesmo culpado fosse: porque S. Mc. carrega com as suspeitas de ter intervido no assassinato do infeliz Cosme, no Cojô em 1849, e do Barabna, em Caxias em 1851. Eu fui consultado pelo sr. Dr. Carvalho acerca dessas suspeitas, e se não me lembrasse que não devia dar corpo a voz publica, tai vez estivesse hoje S. Mc. n'uma cadeia por esses assassinatos, e de q' podia mui bem estar em completa ignorancia mas, meu charo Sr., não me deixei então, como S. Mc. agora, guiar por alheios desejos, por vis paixões, visto que não tinha certeza do que se me consultava. Essa, Sr. Nonato, devia ser a sua conducta, e com ella estaria em paz com sigo mesmo, e não teria passado pelos desgostos (que se não os menores no caso) de soffrer as repulsas, que tem tido da pessoa a quem S. Mc. no seu frenesi de maldade tem querido encadear com promessas de paga para jurarem falso contra o Sr. Major Araujo Costa.

Sr. Nonato, isto é muito infame! Não menos de duas pessoas, os Sr.º Benedicto Romão, e Zacarias, tem publicado esse seu miserimo procedimento! Que resultado pretende tirar disso, Sr. Nonato? Vergonha, e desprezo tão somente: e o Sr. Major Araujo Costa terá sempre o reconhecimento de sua innocencia por parte dos homens honestos.

Queira o Redactor publicar essas linhas, que o Sr. Nonato deve tomar por um conselho, e o Sr. Major Araujo Costa receba como expressão de sentimento por vel-o calumniado atrozmente. (\*)

O M.

A alma do Gostoso, ao sr. Portellada sem alma.

Sr. maganão! Como vnc. se houve com a qualle milagre da espantosa reprodução das 16 duzias de garrafas de cerveja em 25 duzias?... Como se concluiu a quella duplicata e recebimento dos seis centos e tantos mil rs. ....?

(\*) Sobre esta materia existe a publicar uma correspondencia documentada do proprio sr. Major Araujo, com data de 24 do corrente que, sendo nos entregue hontem, não foi possível sahir neste numero. A Redação.

Em que ficou com aquella continha que devia e não queria pagar ao Sr. Antonio Morgira da Carmo? Para que, Sr. maganão, foi vnc. empingir gato por lebre quando vendeo as Saccas do Sr. Manoel Domingos ao sr. Tenente Coronel Ernesto Jose Baptista?... Para que vnc. maltratou tao brutalmente o escravo do sr. Coronel Marques, que o pobre preto escapou por milagre, ficando porem doente e com cicatrizes para sempre? Em que vnc. se fia para publicar nesta Cidade que foi armado encontrar a quelle seo Patricio L. J. F. B. com intenção de azel-o passar por baixo da barriga do seu cavallo trez vezes, ou decidir o que ellas dessem? Não sabe que na terra hospialeira, em que habita, ha Leis e Policia, e que aquelle B. tem disto testemunhas? Não se esqueça, sr. Portellada, alias revello sua chronica muito... desde o tempo de Caxeiro, e apezar do seu dinheiro e valentia, como sou alca, e por isso não temo, irei pondo-lhe a calva a mostra. Para que hade ter vnc. essa lingua tao ferina; para que hade vnc., cheio de podrés querer ferir a reputação de pessoas honestas, que o desprezo? Emende-se sr. Portellada, tome o conselho desta pobre alma. O publico sensato o conhece tal e qual vnc. he, e soberanamente o despreza—Não apelle para ao piniao publica, porque esta ha muito tempo o reputa como homem sem alma, sem educação e sem qualidades civicas. Para que vnc. falta a verdade a respeito do negocio da farinha de trigo e da mantega?

Perca esse mau costume de mentir, olhe q' isso não está bem a vnc., q' se gaba de prestar dinheiros sem premios aos ricos. Explique Sr. Portellada, só pena de ser mais... do que he, essas aluzas e reitencias aos Srs. Monleiro & Ferreira em sua correspondencia no n.º 47, do Correio Piauhyense. Estes Srs. são aqui bem q'nos e conhecidos por honestos e honrados, e vnc. e tido... pelo Portellada e sempre mesmo Portellada... Sabe vnc. porque elles não lhe respondem, he porque o tem em tal conta, que lhes repugna, como homens honrados que são, em rebaxarem-se a discutir com vnc., mas esta alna, uma sua criada, o tem tomado á sua conta e pretende cantar em prosa seus feitos, para immortalisar seu nome, de que vnc. se deverá honrar, pois nunca esper-a vel-o em let-a relouada.

Os quatro-olhos.

## PACOTILHA.

Viva, sr. Eduardo. Estimo que me apparecesse só, pois temo hoje materia de gravidade, que não quero confiar dos seus ajudantes: e mesmo desejo informar-me dos factos com S. Mc. em particular.

Consta-me, sr. Eduardo: tome bem sentido que vou dar-lhe por caza: não me falte com a verdade. Sim, consta-me que o J. B. conta por ali alem—que um Ferreiro, que dizem ser seu substituto, recebeu ha tempos a ninharia de 500 para despezas de expediente, e redusindo-as a estacas de roça, nunca mais deu disso conta.

O que me diz a esse facto, sr. Eduardo?

- .. A couza, Sr. meu amo,
- .. Tem seus visos de verdade,
- .. As buquaradas, porem,
- .. Não são de fraternidade!

—Muito bem, sr. Eduardo; gosto da franqueza. Pois saiba, meu rico sr., que o maldizente J. B. tambem lhes traça na pelle. Diz, por exemplo, que S. Mc. tambem recebe uma d'aquellas ninharias no print-